

O estranho familiar em *Quase Infinito*

Ligia Valdes Gomez

As coisas me chegam como um pássaro
que pode passar pela janela.

(Julio Cortazar)

Quase Infinito, peça que estreou no teatro da FAAP, em agosto e setembro deste ano, nos captura por sua intensidade emocional, tanto no campo do teatro como no da literatura e, ainda, no da psicanálise.

O autor e ator João Paulo Lorenzon, numa vertiginosa desconstrução da literatura de Jorge Luis Borges, apresenta a condição humana em momentos de desamparo e escassez em cinco atos: o ódio, o nada, a incomunicabilidade e o esquecimento como estados d'alma que podem nos sugar e tolher. O quinto ato – o jardim foi acrescentado como uma possibilidade de (re) elaboração do sujeito, consolidando e realizando o desfecho de toda peça.

Cristina Perdomo e eu tivemos a grata experiência de lançarmos um olhar, o nosso olhar, envolto em psicanálise e literatura, para comentarmos sobre a peça.

Os campos da psicanálise, da literatura e do teatro se entremearam, assim, aos pensamentos de João, Cristina, Borges, Freud e da plateia. Os pensamentos de todos se acomodaram em mim, num mosaico riquíssimo e inacabado que me tocou e afetou surpreendentemente.

Deparamo-nos com uma dramaturgia enxuta, de um monólogo estruturado em atos concisos, entremeado por sons que se avolumam na passagem de um ato para outro. A narrativa sutilmente convida a plateia para movimentos de interiorização e de ruptura, de distanciamento da cena, à espera de um novo ato, de um novo acontecimento. Organiza-se um ritmo entre

palavra, imagem e som que parece coordenar a experimentação dos sentidos de cada um. A atmosfera angustiante se completa pelo espaço cênico, repleto de enormes correntes pendentes em trilhos no teto, que deslizam, ora amontoando-se, ora dispersando-se, em consonância com a voz – a narrativa. A imagem que penetra em todos é de correntes que aprisionam, é a ideia de um homem preso, acorrentado. Ao final, as correntes dispostas, juntas, constroem uma espécie de árvore para o quinto ato – o jardim. Uma árvore da vida trazendo finais e novos começos, quiçá uma possibilidade de Eros expresso pela ternura. De toda essa experiência densa e inquietante, destacamos os efeitos dos afetos vividos por cada um, pelo coletivo e a possibilidade de reflexão, assentada nesses campos da arte, da literatura e da psicanálise.

Entendemos que todo movimento do sujeito em relação ao que o circunda pode trazer uma possibilidade de reflexão mais profunda. Quando lemos, quando vemos filmes, peças de teatro, pinturas, danças, ou mesmo na observação de nós mesmos na sessão de análise. Podemos dizer que se trata de um pensar imbuído do caráter transformador de subjetividades presentes: no autor, no escritor, e também no público. Neste sentido, podemos considerar a peça como um coletivo que é de todos: autor, ator, escritor, poeta, analista e plateia. Cada um em sua singularidade e função, e em todos, no conjunto dessa atmosfera introspectiva. Diz Chomsky: “A literatura possibilita uma introspecção muito mais profunda às pessoas do que qualquer outra ciência o pode fazer.”

Tratamos aqui da compreensão de uma interiorização de si mesmo que permite voos e mergulhos na vida interior de cada um. Das mudanças, das transformações que a literatura e a arte podem provocar no sujeito, distante da rigidez pautada em regras e métodos científicos que determinam o que deve ser. Mesmo a psicanálise pode ser vista numa poética. Em todas essas áreas de conhecimento, observa-se movimentos de um fluir da linguagem, que pode ser poético.

A palavra ligada ao afeto pode pulsar, vibrar e estruturar os pensamentos. É um trabalho de escavação feito a partir da maneira habitual de cada um pensar e refletir. O olhar, a escuta, a fala e a memória, tudo o que escava, penetra e procura o invisível pode se organizar em novos arranjos e encadeamentos de

palavras, das mais diversas formas. Essas experiências, por meio de imagens e palavras, trazem o que nos circunda do presente, no cotidiano, e ainda aquilo que se manifesta em nosso interior, pertencente ao passado e feito presente pela memória. Novas palavras, novas imagens acontecem continuamente e se desvelam, marcadas pela oralidade e pela escrita, num tempo que é sempre presente e singular.

Por outro lado, é fato que os pensamentos acontecem dentro de nós em avalanches enquanto que a expressão da fala e da escrita se sucedem linearmente. A nossa expressão, falando ou escrevendo, quando somos tomados de um forte impacto, de angústia, fica mais difícil de acontecer. Em termos de uma organização psíquica, é preciso uma transformação, uma passagem do que é de ordem espacial para sequências temporais que dão sentido ao pensar. Como Freud nos mostra, no capítulo VII de *A Interpretação dos Sonhos* (1900), há pensamentos ditados pela lógica e há os pensamentos oníricos, próprios dos sonhos. Cada um, ao seu modo, é regido pelo funcionamento constante do inconsciente.

Assim, podemos dizer que os pensamentos vão se estruturando de acordo com o funcionamento do inconsciente. Quando dormimos e sonhamos, ele aflora em imagens como resultado do trabalho do sonho. Quando acordados, o inconsciente pela ação da repressão (recalque), ligado ao pré-consciente e consciente, aparece sutilmente em atos falhos e chistes, e os pensamentos passam a ser organizados e expressos por meio de palavras, encadeadas pela lógica. Imagem e palavra transitam num todo coerente em nossa psique.

No entanto, sabemos que, mesmo em vigília, sempre há o entremeio, o hiato, o insinuado, aquilo que não é da ordem da loucura e está presente. É o fora sentido, aquilo que não tem nome e não tem lugar que parece ficar de fora e que aparece como um paradoxo: o duplo se estabelece, a dúvida ocupa lugar. É exatamente o que transborda em nós, o que é sem sentido e sem definição aparente; aquilo que nos toma em momentos de angústia, que precisa ser compreendido. São elementos que podem necessitar de uma descarga e de uma elaboração, por meio da fala, da escrita e dos sonhos.

Resistimos àquilo que não conhecemos, ao que nos provoca angústia, ao não saber. Muitas vezes, ficamos impelidos, em nossa cultura, a viver sob o império de valores vendidos como mercadorias com a promessa fictícia de poder, de saber e de conhecimento. Passamos a conviver numa atmosfera de disseminação do ódio, de alienação e da banalidade de sentimentos, outrora caros e sempre necessários a nós, como o amor, a ternura, a empatia e a compaixão. Então, como prestar atenção àquilo que nos envolve dentro e fora, que nos afeta e toma quase por completo e fomenta angústia na intensidade que for?

Destacamos os efeitos dos afetos vividos, no corpo e na psique. Como revela Clarice Lispector: “Suponho que me entender não é uma questão de inteligência e sim de sentir, de entrar em contato... Ou toca, ou não toca.” Na mesma linha, a afirmação no programa da peça de Lorenzon: “Em cada ato humano, há um corpo em luta, lançado à busca de realizar a própria existência e, ao mesmo tempo, à beira de se entregar ao gozo da própria miséria.” Todo esse contexto nos dá a ideia do que deve ter acontecido entre Borges e Lorenzon. Parece ter sido uma conversa longa e intensa, um diálogo entre fortes, um xadrez de lances quase infinitos que deu origem a esse monólogo.

A construção de *Quase Infinito*, aconteceu no período da pandemia, num momento de crise em todo o mundo. Uma crise que desatinou a todos nós e nos colocou em contato com o inesperado, com fantasias de final dos tempos, com a morte e, muito sutilmente, também, com a possibilidade de (re)invenção de si mesmo. Como uma enxurrada, a pandemia mudou a ordem de tudo, de todos e do viver.

A identificação que tive com João, na busca de meios para criar, inventar e seguir em tempos de pandemia, acredito que seja a busca de todo ser humano, desde sempre, em driblar a morte. Nesse sentido, *Quase Infinito* apresenta, num *après coup*, os momentos de crise inerentes ao ser, quer seja crises pandêmicas ou crises atuais que absorvem nossa atenção, resultando em vivências compartilhadas por todos, cada um na sua singularidade.

Os textos de Borges trazem um encantamento com a palavra, uma duplicidade entre real e fantasia que acabam por tecer outro tecido estrutural, da ordem do imaginário, que não é visível num primeiro momento e que nos afeta e faz pensar. São

aspectos que vão se revelando por meio dos símbolos que ele vai utilizando repetidamente, como o espelho, o labirinto, o xadrez, as metáforas e os sonhos. Construídos num espaço entre o que é visível e o que não é visível, entre o dentro e fora de nós, entre o real concreto e o real psíquico, a narrativa vai se compondo com elementos tratados sempre de forma ambígua, metafórica, por enigmas. É poesia mesmo em prosa. Borges, no prólogo do conto o *Outro*, apontou:

A poesia quer voltar a essa antiga magia. Sem prefixadas leis, obra de um modo vacilante e ousado, como se caminhasse na obscuridade. Xadrez misterioso a poesia, cujo tabuleiro e cujas peças mudam como em um sonho e sobre o qual me inclinarei depois de morto.

O autor cria uma narrativa concebida em um espaço indefinido e em um tempo cambiante, meta real, suprarreal do existir, em que realidade psíquica e realidade cotidiana estão presentes. Octavio Paz em *El arquero, la flecha y el blanco*, de (Le Monde, 1986), cita como Borges: “Define seu estilo: meu verso é de interrogação e de prova, para obedecer àquilo que é apenas entrevisto.”

Podemos mergulhar em seus escritos até deixar que se fundam em nós. Há que se esperar o surgimento da magia, do jogo dos elementos envoltos nessa ambiguidade costumeira dele, que vão acrescentando uma outra realidade – o entrevisto, nova aparência ao viver, portal ao inesperado de que somos feitos. O inesperado! Octavio Paz nos mostra que Borges, ao destacar tanto “a simplicidade como a estranheza”, consegue um resultado inesquecível – “o natural insólito e o estranho familiar” (1986). Podemos vislumbrar, como uma espécie de saber ancestral, que é do caos, até do visceral que o novo pode surgir dentro de nós. É a morte em nós no contínuo da vida, lindamente tratada por Freud em seu texto de 1919, *Unheimlich* (o sinistro; o estranho).

Freud nos mostra que o estranho é aquela categoria do assustador que remete ao que é conhecido, ao velho e, desde muito, familiar. O estranho, embora seja absolutamente familiar, provoca medo, aflição, repulsa e horror. Freud analisa que a palavra alemã *Heimlich*, usada para o que é doméstico, é ambígua:

por um lado significa o que é familiar e agradável e por outro o que está oculto e se mantém fora da vista, chegando a ter um significado que é idêntico ao seu oposto *Unheimlich* – tudo o que deveria ter permanecido oculto e secreto, mas veio à luz.

O estranho deve ser visto não só como o que vem de fora e aterroriza, o novo ou alheio, é, antes de tudo, algo familiar e antigo na psique e que somente se alienou desta pelo processo de repressão (recalcamento). Vemos, dessa forma, que esses dois aspectos, semelhante e estranho, podem estar invariavelmente presentes nas coisas, nos objetos que nos circundam e em nosso íntimo. Em um estado psíquico muito primitivo, quando ainda não há distinção entre mundo interno e externo, podemos observar o fenômeno do duplo, conforme denomina Freud, que consiste em dois personagens que são considerados idênticos, iguais, como um espelho. Um outro eu – o estranho – é o que era para ficar encoberto, mas veio à luz. O estranho é o diferente, o que há de indeterminado e excessivo em nós e no outro.

Borges trabalha exatamente com o estranho familiar, mencionado em Paz e concebido em Freud, em seus contos e poesias. Utiliza o paradoxo como o que se insinua e não se define, o espelho como o que cria o nosso duplo e o labirinto anunciando o impenetrável, o inacabado em nós. Enigmas que se repetem sempre. Segundo Octávio Paz, a narrativa em Borges trata de um “homem perdido no labirinto do tempo feito de mudanças que são repetições, o homem que se anula contemplando-se no espelho da eternidade sem rosto, o homem que encontrou a imortalidade e venceu a morte, mas não o tempo nem a velhice.”

Como definir o tempo? Sabemos que o tempo é uma categoria criada, ficcional. Em Freud, o tempo é sempre presente, como o tempo do inconsciente. Para a filosofia, o tempo parece não existir, porque não dá para classificar ou mensurar passado, presente e futuro. O presente é o agora cambiante, o passado é o que já aconteceu e o futuro o que não é ainda. Em Kant, o tempo é uma estrutura da relação do sujeito com ele próprio e com o mundo, assertiva que encontramos em Borges, em Lorenzon e mesmo em Freud.

Em Borges, como vimos, no tempo do labirinto, no tempo do espelho, no tempo do paradoxo. Sempre a multiplicar, a

duplicar, marcando o tempo como um enigma que se repete e eterniza os seres e todos permanentemente.

Em Lorenzon, em cada ato, no “matador que quer derramar seu ódio”; no “palhaço sugado pelo buraco do nada”; no “prisioneiro acuado em uma jaula”; no “amante invadido pelo esquecimento” vemos sempre a narrativa de um tempo que paraliza e é fugidio ao mesmo tempo. Marcam uma atmosfera densa e aprisionante do sujeito no mundo. Por fim, o tempo em *Quase Infinito* vai se configurando como lugar, sentimento e estados d’alma, indefinidamente, como vemos em cada um dos atos:

O tempo no ódio é monotemático,
O tempo no nada é um deserto d’alma,
O tempo na incomunicabilidade é paralisia,
O tempo no esquecimento é vingança ou perdão?
No jardim é Eros e Thanatos em busca de comunhão.